

OS BRUZUNDANGAS E A CRÍTICA SOCIAL DE LIMA BARRETO: UMA ABORDAGEM SOBRE A CRÔNICA NO ENSINO MÉDIO

Jaíne de Sousa Barbosa
Universidade Federal de Campina Grande

Jéssica Pereira Gonçalves
Universidade Federal de Campina Grande

José Hélder Pinheiro Alves
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO: Tratar da política e dos descasos sociais em sala de aula é uma tarefa que desperta o pensamento crítico do estudante. É por esse motivo que o presente trabalho buscou nas crônicas de *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto, expor o papel da literatura como fonte de discussão social. Como aporte teórico temos os textos de Bosi (2006), sobre a escrita de Lima Barreto; de Candido (2006), sobre crítica social e literatura; além das informações de *Uma entrevista com Nicolau Svcencko* (s/d), que traz considerações sobre a crítica barretiana, juntamente com Santos & Oliveira (2008) e outros autores, que tratam da literatura e do ensino. Observaremos algumas crônicas e como elas podem ser trabalhadas na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Crítica. Sociedade.

1. Introdução

Este trabalho é fruto de uma atividade realizada durante a II unidade da disciplina *Narrativa Brasileira: da Literatura Colonial ao Pré-Modernismo*, no período 2013.2, na Universidade Federal de Campina Grande. A atividade em questão teve como meta propor uma análise da obra *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto, autor pré-modernista que buscava expor a realidade social brasileira, privilegiando os pobres e arruinados e denunciando os problemas vivenciados por essa classe. De forma retextualizada, diante da apresentação que foi exibida em sala, optamos por apontar a temática central da crítica social, pensando em como poderia ocorrer, no Ensino Médio, o estudo de crônicas que apresentassem cunho crítico e amenizassem a visão estereotipada de que a literatura trata apenas do que é romântico.

É importante salientarmos que o trabalho em questão não sugere atividades a serem propostas na escola. Ele apenas pontua que seria uma estratégia viável levar os textos em questão para a sala de aula, uma vez que nossa principal meta é demonstrar que o texto literário é uma ótima estratégia para criticar a sociedade e seus problemas e que a leitura de

crônicas que possuem essas críticas é uma estratégia metodológica que pode surtir grandes efeitos quando o objetivo é mostrar ao aluno as variadas funções da literatura.

Tratar da política e dos descasos sociais nem sempre é uma tarefa realizada de modo direto e objetivo. Há textos que, indiretamente, trazem à tona os tantos problemas que compõem a realidade brasileira, desmascarando suas origens e causas. Esse trabalho trará a análise de um dos livros de um escritor que, fugindo ao padrão comum, expõe os problemas do Brasil de modo a demonstrar a política, o perfil social e a organização de diversas esferas sociais de uma fictícia nação, que é objeto de um relato produzido por um narrador-personagem.

Na explanação da obra buscaremos enfocar a crítica social presente nos textos, constatando os privilégios concedidos à nobreza, o poder das oligarquias rurais, a futilidade dos políticos, as desigualdades existentes entre o povo, e os problemas com a saúde e educação, demarcando as características do período literário a qual a obra faz parte. Além dessas explicitações, demonstraremos como o texto literário pode atuar de modo a criticar a sociedade, tanto de forma direta, como de forma indireta, construindo uma falsa nação para, com isso, apontar problemas recorrentes.

A escolha do tema para a elaboração do texto surgiu, a priori, da necessidade de ratificar e compreender todas as críticas que Lima Barreto faz ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, e de analisar como essas críticas eram feitas por um autor que buscava apontar os tantos erros cometidos por aqueles que eram considerados superiores diante das classes menos dominantes.

Para elaborarmos nossa pesquisa fizemos a leitura interpretativa do livro anteriormente mencionado e escolhemos dele fragmentos que comprovam o tom crítico e, por vezes, satírico, o qual o autor se utiliza para descrever um relato da sociedade bruzundanguense e seus inúmeros problemas relacionados ao povo, à política, às profissões e aos outros aspectos que serão observados no decorrer da descrição. Juntamente com essa leitura, realizamos outras buscas nos aportes teóricos já mencionados para que assim pudéssemos observar a importante função de crítica social que pode ser atribuída à literatura.

No âmbito do trabalho supracitado, para fundamentarmos nossas considerações, utilizamos como aporte teórico os textos de Bosi (2006), sobre a biografia do autor e as principais características de sua escrita; de Guimarães (1989), acerca do Pré-modernismo e a participação de Lima Barreto nessa época de transição; de Candido (2006), sobre crítica social e literatura; além das informações retiradas do texto *Uma entrevista com Nicolau Svcencko*

(s/d), disponível no portal do MEC, que traz importantes considerações sobre o estilo de escrita barreteana e como essa escrita atua de forma a criticar o social.

O artigo será organizado em um esboço dos textos escolhidos para relatar a interação existente entre o texto literário e a crítica social, juntamente com o posicionamento de Lima Barreto diante de sua obra e da escola literária a qual pertencia, e, por fim, traremos, na análise dos dados, fragmentos do livro que exponham as críticas existentes no material em questão, de modo a apontar como essas foram construídas em uma sociedade fictícia e como elas podem servir para que os alunos do Ensino Médio compreendam que o texto literário pode ser usado para criticar a sociedade.

2. O gênero crônica e a literatura como crítica social

O texto literário, no trabalho em questão a crônica, expõe sentimentos, constrói personagens distintas e narra histórias e estórias de épocas diversas, conduz à fantasia, liberdade, ruptura e inovação, muitas vezes é visto somente como representação daquilo que é romântico. É necessário, no entanto, que saibamos que ele também expõe a opressão, as mazelas do mundo e busca não só narrar, mas, através de textos com temáticas variadas, trazer críticas sociais tão fortes quanto o próprio leitor poderia prever. A escolha do estudo de crônicas parte de duas instâncias: a grande circulação do gênero e, no âmbito do trabalho supracitado, a capacidade de trazer tons críticos e novos olhares aos problemas de uma sociedade que representou o Brasil. Nakagome aponta considerações importantes acerca do gênero e sua relação com o aluno e a escola:

A crônica, pensada como texto de grande circulação, é mais facilmente aceita pelos estudantes, que se identificam com sua linguagem e temática, ambas bastante próximas de sua experiência. Isso, por certo, não nega o fundamental papel da escola de permitir que os alunos conheçam os bens culturais a que eles possivelmente não teriam acesso sem ela. Trata-se apenas do reforço e valorização do potencial existente em textos que, de princípio, já não são encarados com barreiras pelos estudantes (Nakagome, 2011, p.9).

Para ampliar essa visão do aluno acerca do que é o texto literário é imprescindível que o objeto de análise do professor demonstre essa possibilidade de crítica que o material possui. O livro “Os Bruzundangas” foi escolhido para constituir nosso objeto de análise por

apresentar, em toda a obra, crônicas com marcas fortes da função crítica da literatura, um vez que os textos do livro seguem um tom satírico e marcante, que integram contextos internos e externos. Assim como afirma Nakagome, a crônica pode abrir possibilidades para que o aluno compreenda o que é a própria literatura:

Consideramos a importância de trabalhar a leitura e a produção de crônicas também no ensino médio, mesmo que se tome esse espaço como prioritário ao ensino da chamada alta literatura, afinal, o contato com diversos textos é um bom caminho, inclusive, para discutir o que é literatura (Nakagome, 2011, p.8).

Em se tratando de integrar contexto externo (o social) ao interno (o texto) é comum quando se pretende construir uma relação entre a sociedade e a literatura, uma vez que, “o externo (o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (Candido, 2006, p.9).” Em se tratando de determinado assunto ou época, o texto deve expor com propriedade os fatos que pretende descrever. Caso não haja intenção direta e objetiva, tratando de uma sociedade propriamente dita, muitos autores optam por construir nações, personagens e histórias fictícias para assim conduzirem-nas à crítica.

É necessário, no entanto, que professor e aluno saibam unir crítica à literatura. Não basta que sejam escolhidos os fatos a serem criticados ou as instâncias sociais previstas à observação, mas é imprescindível que sejam analisados ambos os fatores e que se perceba se o objeto de destino apresenta elementos que permitam essa apreensão. A crítica é construída à medida que buscamos apontar o assunto, o tema ou pessoa e elencamos os tópicos a serem questionados, bem como Candido aponta no livro *Literatura e sociedade* (2006, p. 16):

Quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias).

Muitos são os elementos, presentes no texto literário, que compõem a crítica. É necessário que, através da leitura, os alunos do ensino médio percebam isso. Algumas narrativas apresentam problemas sociais, outras trazem conflitos religiosos, criticam temas que fizeram parte de séculos passados e ainda subsistem até os dias atuais. Muitos autores buscam expor de modo direto, com situações verídicas, e outros escolhem construir histórias para, por meio delas, apontarem determinados problemas; uma vez que muitas “obras

espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos (...) consistindo basicamente em estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro (op. cit.16) ”.

A crítica social foi vista, inicialmente, nos textos realistas, em que autores consagrados como Machado de Assis, apontavam “a exploração do homem pelo homem, a crescente miséria do proletariado, o desnível social e econômico (GUIMARÃES, 1989, p.58)”. No entanto, durante o Pré-Modernismo, fase de transição e sincretismo que precede o Modernismo, alguns autores trouxeram, com tamanha veracidade, críticas sociais que desmascaravam as injustiças ocorridas no Brasil. Um desses autores foi Afonso Henriques de Lima Barreto, que é “dentre todos, por seu espírito de originalidade e anticonvencionalismo, o mais genuinamente pré-modernista (op.cit. 58).”

Crítico agudo da época da república velha, que tratava da temática social, privilegiando os pobres e arruinados, Lima Barreto buscava expor os tantos problemas que afrontavam a população brasileira. Uma de suas obras aponta, dentre outros aspectos, a situação precária de uma nação fictícia: A República dos Estados Unidos da Bruzundanga. “*Os Bruzundangas*” é um livro que expõe, em crítica e sátira feroz, a diplomacia, a Constituição, as transações e propinas, os políticos e eleições da sociedade bruzundanguense. Lima Barreto também critica os privilégios da nobreza, o poder das oligarquias rurais, a futilidade dos poderosos do ramo político, as desigualdades entre os mais prestigiados e as classes menos dominantes, saúde e educação tratadas com desdém; enfim, mazelas parecidas às de um país real, assim como afirma Bosi (2006, p.346):

Com *Os Bruzundangas* Lima Barreto fez obra satírica por excelência (...). Imaginou um visitante estrangeiro a descrever a terra de Bruzundanga, nada mais nada menos que o Brasil do começo do século. Escrita nos últimos anos, a obra traz forte empenho ideológico e mostra o quanto Lima Barreto podia e sabia transcender as próprias frustrações e se encaminhar para uma crítica objetiva das estruturas que definiam a sociedade brasileira do tempo (...). A obra de Lima Barreto significa um desdobramento do Realismo no contexto novo a I Guerra Mundial e das primeiras crises da República Velha. dos anos de 30.

Lima Barreto, em *Os Bruzundangas*, ironiza a população e política da sociedade bruzundanguense, aponta as incoerências encontradas nos ambientes de estudo, descreve situações que, de modo sarcástico e satírico, condiziam verdadeiramente com a sociedade brasileira da época; em que homens entravam na política por títulos, a sociedade era esquecida e marginalizada e os mais nobres sobressaiam-se diante dos mais fracos, como

ainda vemos atualmente. São os fragmentos do texto que comprovam todos os tantos problemas enfrentados pelo povo dos Estados Unidos da Bruzundanga, fragmentos esses que serão analisados e descritos a seguir.

3. A crítica na crônica: Um novo olhar acerca do texto literário

No tópico anterior fizemos uma abordagem sobre como o gênero crônica pode servir como fonte de discussão social. Apontamos considerações sobre a relação existente entre o aluno, o texto e a função crítica da literatura. Nesta sessão mostraremos os fragmentos do texto que comprovam a existência da crítica. Essa explicitação pode atuar como estratégia metodológica para a leitura interpretativa das crônicas do livro em questão, uma vez que nosso objetivo é possibilitar novas visões sobre o texto literário, que pode trazer críticas como as aqui apontadas.

Lima Barreto usou a literatura para expressar sua insatisfação diante do preconceito, da marginalização, dos problemas sociais e para mostrar-se pronto a lutar pelos menos favorecidos, excluídos e explorados. Nicolau Svcencko (s/d, p.2), em uma entrevista, traz a descrição ideal sobre esse tão genuíno autor, encarando-o como alguém que escolhera por à mostra as mazelas sociais que tanto levavam ao sofrimento e que ainda permeiam os dias atuais.

Lima Barreto vai encarar a literatura como um recurso para a comunicação de um sentimento de coesão social, de solidariedade com a gente simples, humilde, com os excluídos, os marginalizados, com as pessoas pobres da população, com aqueles que eram na verdade os grandes responsáveis por toda a riqueza produzida no país, mas que eram excluídos dela, que não tinham uma recompensa à altura pela sua participação significativa no trabalho no país (...) o que o Lima Barreto queria fazer era mostrar as entranhas da sociedade, mostrar como essa sociedade gerava um processo de injustiça, de exclusão social, de marginalização (Svcencko, s/d, p.2).

Os Bruzundangas é uma relato de viagem escrito, em vinte e três crônicas, por um narrador-personagem que, de modo onisciente, conhece tudo sobre a Bruzundanga e aponta todos os problemas recorrentes nas esferas distintas da sociedade bruzundanguense. Dentre os aspectos lidos, observaremos apenas os que se referem à nobreza, aristocracia doutoral, às leis, à sociedade, à falsidade das pessoas, à política, à terra, ao ensino e ao mandachuva.

De início, o narrador aponta que a existe uma subdivisão na nobreza bruzundanguense: “A nobreza da Bruzundanga se divide em dous grandes ramos (...) na

Bruzundanga existe a nobreza doutoral e uma outra que, por falta de nome mais adequado, eu chamarei de palpíte (BARRETO, 2005, p.17).” Na descrição exposta, é visível a existência prévia de duas classes sociais, uma que é dominante e outra dominada. Todo o texto gira em torno de demonstrar como essas duas classes eram organizadas e o tom crítico prevalece em cada observação.

A priori, comecemos com o surgimento dos nobres. Quem são eles e como alcançavam a nobreza? O fragmento abaixo retrata com veemência como cidadãos “comuns” entravam para a nobreza, em sua desonestidade e vergonha. Por meio de fraudes, aqueles que não conseguiam atingir metas no ensino contavam com o apoio de familiares para receber títulos de doutor, e assim tornam-se médicos, advogados ou engenheiros:

Passando assim pelo que nós chamamos preparatórios, os futuros diretores da República dos Estados Unidos da Bruzundanga acabam os cursos mais ignorantes e presunçosos do que quando para lá entraram. Os filhos dos poderosos fazem os pais desdobrar bancas de exames, pôr em certas mesas pessoas suas, conseguindo aprovar os pequenos sem que saibam somar frações, outros em francês sem que possam traduzir o mais fácil autor. Com tais manobras, conseguem sair-se da alhada e lá vão, cinco ou seis anos depois, ocupar gordas sinecuras com a sua importância de "doutor". Mas só são três títulos que suscitam esse entusiasmo: o de médico, o de advogado e o de engenheiro (P.26).

Após recebidos os títulos, a aristocracia doutoral era formada e fazia parte dela aqueles que ingressassem nas escolas superiores de medicina, direito e engenharia. Uma situação importante é percebida no decorrer da leitura: As pessoas que eram aprovadas nessas escolas não podiam exercer quaisquer profissões, mas apenas as que davam nome às instituições (medicina, direito e engenharia), uma vez que para assumir posição superior aos demais e ser considerado nobre era preciso estar em nível educacional mais elevado que os outros.

É constituída pelos cidadãos formados nas escolas, chamadas superiores, que são as de medicina, as de direito e as de engenharia. Há de parecer que não existe aí nenhuma nobreza; que os cidadãos que obtêm títulos em tais escolas vão exercer uma profissão como outra qualquer. É um engano. Em outro qualquer país, isto pode se dar; na Bruzundanga, não (p. 22).

Lima Barreto, em tom satírico, traz críticas de modo implícito e explícito. Ao escrever que pessoas com grau de escolaridade elevado assumem o poder, o autor acaba afirmando que a desigualdade em nível educacional constitui a Bruzundanga, pseudônimo para o Brasil. Aqueles que assumem a aristocracia doutoral possuem determinadas regalias que são negadas

a outros; mesmo que o nobre cometa erros hediondos ele não pode ser tratado como os demais: “O nobre doutor tem prisão especial, mesmo em se tratando dos mais repugnantes crimes. Ele não pode ser preso como qualquer do povo (p.35).”

Essa desigualdade e ausência de democracia eram e são vistas na sociedade atual. No final do século XIX, início do século XX, a sociedade brasileira sofria com a opressão dos poderosos sob os desvalidos. Embora tenha sido escrita em 1923, *Os Bruzundangas* traz, de modo atual, mesmo que fictício, a representação do Brasil e de uma sociedade formada por pessoas que almejavam a riqueza comercial, o reconhecimento e o poderio, independentemente da forma que esse poder fosse alcançado, uma vez que a meta, para muitos, era enriquecer, embora a forma com que isso ocorresse fosse desonesta. Essa afirmação pode ser comprovada em uma das falas do narrador ao descrever o perfil da sociedade bruzundanguense:

É deveras difícil dizer qualquer coisa sobre a sociedade da Bruzundanga. É difícil porque lá não há verdadeiramente sociedade estável. São todos arrivistas e viveram a melhor parte da vida tiranizados pela paixão de ganhar dinheiro, seja como for. Os melhores e os mais respeitáveis são aqueles que enriqueceram pelo comércio ou pela indústria, honestamente, se é possível admitir que se enriqueça honestamente. Os que formam diretamente a grande sociedade são os médicos ricos, os advogados afreguesados, os tabeliães, os políticos, os altos funcionários e os acumuladores de empregos públicos (P.45).

Grande parte da população bruzundanguense – bem como a brasileira, já que Lima Barreto usa apenas uma situação fictícia para descrever o Brasil da época – desejava apenas construir um personagem que socialmente representasse o poder do nobre. Se determinado cidadão estudasse medicina escolhia a profissão não para curar enfermos, mas para alcançar patamares maiores e atrair olhares distintos. É visível que o autor da obra demonstra sua insatisfação sobre esse fato acontecido comumente. O desejo de manter a aparência e de elevar-se perante os demais aguçava o pensamento crítico de um pré-modernista que escrevia para “encontrar no público leitor um sentimento de indignação com o estado das coisas no país, que pudesse assumir o curso de um desejo de transformação, no sentido da democratização das estruturas do país (Svencko, s/d p.2).” Essa indignação sobre os nobres bruzundanguenses exposta pelo narrador, em seu relato, pode ser percebida no trecho que segue abaixo:

Só querem a aparência das cousas. Quando (em geral) vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, não é ser um

grande médico, é ser doutor; quando se fazem oficiais do exército ou da marinha, não é exercer as obrigações atinentes a tais profissões, tanto assim que fogem de executar o que é próprio a elas. Vão ser uma ou outra cousa, pelo brilho do uniforme (P.5).

Em se tratando da política, uma das esferas mais criticadas do texto, Lima Barreto atribui aos políticos o adjetivo de mediocridade. Sua insatisfação com essa parte da nobreza é exposta em fragmentos diversificados. O autor afirma que os políticos não se reconhecem como os demais habitantes da população, mas como superiores, e se utilizam da ingenuidade e carência dos menos favorecidos para explorá-los, aliciá-los e abandoná-los, como ainda ocorre atualmente:

Os seus políticos são o pessoal mais medíocre que há. Apegam-se a velharias, a cousas estranhas à terra que dirigem, para achar solução às dificuldades do governo. A primeira cousa que um político de lá pensa, quando se guinda às altas posições, é supor que é de carne e sangue diferente do resto da população (P. 21).

Esses políticos são os mesmos que vivem em uma terra pobre, com latifúndios abandonados e indivisos, e que tem como base de sustento a população rural, que é “sugada, esfomeada, macilenta, maltrapilha, amarela (p.22)” e luta para desenvolver-se enquanto é oprimida diariamente por “chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a cousa mais fácil desta vida. Vive sugada; esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela (idem).”

Por fim, no último aspecto a ser observado, analisaremos o *Mandachuva*: “É este homem cuja única habilidade se resume em contar anedotas; é um homem destes, (...) que depois de ser deputado provincial, geral, senador, presidente de província, vai ser o Mandachuva da Bruzundanga (P.34)”. A primeira crítica observada é vista no início da fala do narrador, em que ele afirma que o mandachuva possui como habilidade única reproduzir anedotas, sem ter algo de mais importante para oferecer à sociedade. Esse líder terá o poder nas mãos, tomará decisões pela sociedade, e conhecerá todas as leis, mesmo que não as cumpra, uma vez que ele já habitou na esfera política.

Em cada observação feita é visível o tom satírico de Lima Barreto em sua obra. Cada crônica encerra em si as vozes de um autor que reproduz seu anseio para a sociedade, numa luta contra tudo que oprime e marginaliza. As críticas expostas são atuais, embora o texto tenha sido escrito há várias décadas. Elas despertam o interesse, daqueles que se posicionam juntamente com o autor, e a insatisfação dos que estavam contra ele. Lima Barreto, em grande

parte de suas obras, aguçou o desejo de liberdade para os outros e despertou em muitos a vontade de barrá-lo:

Como Lima Barreto expôs e criticou isso de uma maneira realmente feroz, criou-se uma espécie de censura branca contra o escritor – ninguém falaria nada sobre ele, não apenas nada de bem, mas também nada de mal, seria como se ele não existisse, como se ele fosse uma não-personagem, como se ele não fosse o mais notável escritor do Rio de Janeiro e do país naquele momento (Svencko, s/d p.2).

Pensar na leitura interpretativa das crônicas de cunho crítico e social de Lima Barreto é uma estratégia metodológica que pode surtir efeitos positivos aos alunos do ensino médio. Um desses efeitos é o despertar do pensamento crítico e da capacidade de olhar o texto literário sob diversas perspectivas. As crônicas do autor em “Os Bruzundangas” possuem personagens distintas e explanações marcantes sobre a sociedade bruzundanguense. Essas crônicas atuam de modo a desconstruir a visão romantizada da literatura e demonstram que o texto literário pode servir como forte crítica social, basta apenas que os alunos se reconheçam como leitores e passem a olhar o texto com direcionamentos variados; e que os professores organizem atividades que explorem os textos lidos e que despertem a curiosidade dos estudantes ao que está sendo estudado.

4. Considerações finais

Estudar uma obra barreteana nada mais é que um encaminhamento à luta pela democracia. Lima Barreto, em *Os Bruzundangas*, criando uma nação fictícia, tentou expor problemas que revelavam a situação brasileira por volta dos séculos XIX, em seu término, e XX, em seu início. De forma criativa, o autor acentua as desigualdades sociais, a marginalização e autoridade exercida por aqueles que alcançam patamares elevados na conhecida nobreza.

Se um dos objetivos do texto literário é a crítica social, de modo a levar o leitor a pensar sobre conteúdos não expostos comumente, *Os Bruzundangas* cumpre essa função com êxito, uma vez que, em todas as crônicas narradas, a realidade da sociedade bruzundanguense é posta em debate e, no texto, é evidenciado o papel da literatura como fonte de discussão social. Essa função crítica que o texto pode desempenhar vem não somente para ratificar os objetivos de escrita de Lima Barreto, mas para levar os leitores ao pensamento democrático, à luta contra repressão e autoritarismo e ao anseio de construir uma nação mais igualitária.

Analisar a nobreza, a aristocracia doutoral, a constituição e as leis, a sociedade e o comportamento das pessoas, a política, a terra como fonte de sustento, o ensino e o mandachuva, que constitui a liderança bruzundanguense, enfim, todas as instâncias abordadas na obra e discutidas aqui, nos permitiu compreender as inúmeras mazelas que compuseram a sociedade da época e ainda permeiam os dias atuais. Lima Barreto, de forma diferenciada, expõe problemas comuns e nos leva a pensar sobre a capacidade que o homem tem de se corromper para atingir patamares cada vez mais altos e sobressair-se diante daqueles que não os alcançam.

5. Referências bibliográficas

BARRETO, Lima. *Os bruzundangas*. Ediouro: Rio de Janeiro, 1990.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo : Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ouro sobre Azul : Rio de Janeiro, 2006.

ENTREVISTA COM NICOLAU SVCENCKO. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/revis%C3%83%E2%80%A0o-T.Lima-Nicolau%20Sevcenko.pdf>> Acesso em 15/03/2014.

GUIMARÃES, Ariosvaldo. *Literatura para o 2º grau: Estilos e Épocas*. s.ed., 1989.

HENRIQUE, Lauro Luis Souza de. DIAS, Leandro De Bona. Lima Barreto e a escrita da história no início do século xx: críticas e sugestões. Disponível em <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362070147_ARQUIVO_artigocarlos2013.pdf> Acesso em 15/03/2014.

NAKAGOME, Patrícia Trindade. *O papel do gênero crônica na formação do leitor no ensino médio*. São Paulo: Paulistana, 2011

NORONHA, Carlos Alberto Machado. Literatura como crítica social: a sátira da sociedade brasileira em *Os Bruzundangas* Disponível em <<http://periodicos.unesc.net/index.php/selep/article/viewFile/643/640>> Acesso em 15/03/2014.

VIEIRA, KEILA. O social em Lima Barreto. Rev. de Letras - N0. 25 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2003. Disponível em <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art08.pdf>> Acesso em 15/03/2014.

FERREIRA, Luciana da Costa. Os percursos literários do leitor Lima Barreto. Rev. *Garrafa 24* - Vol.25 maio-agosto de 2011. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa24/volii/ospercursoslit_lucianadacosta.pdf> Acesso em 15/03/2014.